

A emergência dos marcadores discursivos *olha e vê*: investigação entre línguas

Cláudia Andrea Rost-Snichelotto¹

¹Pós-Graduação em Língua Portuguesa – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

rostclaudia@hotmail.com

Resumo. *Verbos de percepção visual associados à 2ª pessoa do discurso (P2) em enunciados de comando na forma imperativa tendem a derivar Marcadores Discursivos (MDs) em diversas línguas, tais como “mira” e “¿ves?” em espanhol (cf. Pons Borderia, 1998a, 1998b; Dominguez; Alvarez, 2005), “regarde” e “vois-tu” em francês (cf., respectivamente, Dostie, 2004; Vicent, Votre e Laforest, 1993), “guarda” em italiano (cf. Waltereit, 2002) e “olha/vê” em português (cf. Rost, 2002, entre outros). Todavia, conforme Waltereit (2002, p. 1008), ainda que, em muitas línguas, existam MDs derivados de imperativo, não têm necessariamente as mesmas funções. Pretende-se, neste trabalho, fazer uma revisão bibliográfica dos MDs derivados de imperativo em P2 em quatro línguas românicas para explicitar similaridades e diferenças morfossintáticas e semântico-pragmáticas entre as abordagens.*

Abstract. *Visual perception verbs associated to the second person (P2) in imperative contexts tend to rise Discursive Markers (DMs) in many languages, such as “mira” and “¿ves?” in Spanish (cf. Pons Borderia, 1998a, 1998b; Dominguez; Alvarez, 2005), “regarde” and “vois-tu” in French (cf. respectively, Dostie, 2004; Vicente, Votre e Laforest, 1993), “guarda” in Italian (cf. Waltereit, 2002) and “olha/vê” in Portuguese (cf. Rost, 2002). Nevertheless, according to Waltereit (2002:1008), although imperative derived DMs exist in many languages, they do not have exactly the same functions. So, in this work, I intend to present a bibliographic review on imperative derived DMs, considering four romanic languages in order to investigate morphosyntactic and semantic-pragmatic similarities and differences between the approaches.*

Palavras-chave: marcadores discursivos; línguas românicas; similaridades e diferenças morfossintáticas e semântico-pragmáticas.

1. Introdução

Marcadores Discursivos (doravante MDs) são elementos lingüísticos lexicalizados ou não-lexicalizados que exercem funções importantes na interação, pois “amarram o texto não só enquanto estrutura verbal cognitiva, mas também como estrutura de interação interpessoal” (URBANO, 1997, p. 85). Podem, portanto, articular diferentes valores: “tanto de caráter textual – estabelecendo elos coesivos entre partes do texto, como interpessoal, mantendo a interação falante/ouvinte e auxiliando no planejamento da fala” (GÖRSKI et al., 2004; MARCUSCHI, 1989).

Conforme Risso, Silva e Urbano (1996, p. 54-55), a incidência mais forte de fontes de MDs são as formações mistas, que reúnem diferentes classes gramaticais, os advérbios, os verbos e as conjunções. Dentre os verbos que funcionam como MDs, Castilho (1989) destaca que se distribuem por diversas classes semânticas: cognitivos, emotivos, de percepção e copulativos.

Nas línguas românicas, são freqüentes os MDs derivados de verbos. Isso ocorre porque, segundo Pusch (2008), os verbos são uma categoria bastante heterogênea. Em comparação à classe dos nomes, a conjugação verbal permite mais opções morfológicas como ponto de partida para o desenvolvimento de MDs.

Neste estudo, investigam-se os MDs derivados de verbos de percepção, notadamente em P2 do imperativo, em quatro línguas românicas (francês, espanhol, português e italiano). É comum a todos os estudos o fato de, em alguns contextos, esses verbos de sentido perceptual, no imperativo, expandirem seu sentido de base e mudarem de categoria gramatical, atuando como MDs, situação em que funcionariam como elementos de chamamento da atenção do ouvinte para um aspecto do texto do falante, conforme os exemplos a seguir:

(1) **A:** À mon avis, tu devrais essayer ça, des rouleaux, ça serait bien. Tiens, essaie ceux-là. **B:** *Regarde*, je les essaierai une prochaine fois. T'en sers-tu? Je pourrais peut-être les apporter chez moi pour voir ce que ça donne. (DOSTIE, 2004, p. 112).

(2) **A:** Mais comment ça se fait que tu sens l'ê parfum comme ça? **B:** Bien, *vois-tu*, c'est, heu..., c'est maman qui a dû em échapper sur moi. (DOSTIE, 2004, p. 114).

(3) **E:** uma depre // fue uma depre, yo que se, fue [*mira* porque tuvo que pasar]. **G:** [pa- pa- pasajera ¿no?] **E:** sy, ya se me há pasao... (PONS BORDERÍA, 1998, p. 221).

(4) ... como él es un niño consentido entonces todo el mundo le da todo *¿ves? por eso* es que yo le digo a mi mamá que no debería con él hacer eso, porque lo que a él le están haciendo es un daño, no un bien *¿ves?*... (DOMÍNGUEZ; ÁLVAREZ, 2005, p. 9).

(5) **E:** Ana Rita, podias pegar um cafezinho pra nós, faz favor? Eu queria saber mais uma coisa, tu gostas de cozinhar? **F:** *Olha*, não é meu forte. Não sou muito chegada na cozinha, mas dá pra quebrar um galhinho. Mas eu tenho duas receitinhas bem legais. (ROST, 2002, p. 63).

(6) **E:** E é um problema sério esse do esgoto. Ainda por cima com essas doenças [agora]. **F:** [Pois é]. E precisava ter, né? porque *veja*, é dificultoso, uma pessoa quer puxar o esgoto pra rua, não pode. Tem que já fazer fossa e poço morto, que chamam, né? porque não tem encanamento de esgoto. E era tão importante ter, né? (ROST, 2002, p. 10).

(7) **B:** ah hai visto ali poveretto è morto così l'avevano ammazzato. **A:** tu dici? **B:** ma secondo me si' **A:** madonna. **B:** <?> l'hanno ammazzato era ricchissimo qualcuno l'avrà fatto fuori. **A:** *guarda* che soffriva di cuore _ eh? (WALTEREIT, 2002, p. 990).

Além da base comum, verifica-se, a partir da análise preliminar da literatura, que esses MDs compartilham uma gama de contextos de atuação, desempenhando funções ora mais interativas, ora mais textuais. Assim, a hipótese deste estudo é que, embora

exista semelhança quanto à natureza morfossintática e semântico-pragmática nas línguas estudadas, os MDs apresentam, em alguns contextos, valor distinto.

Este texto está assim organizado: primeiramente, apresenta-se a identificação das semelhanças e diferenças morfossintáticas desses MDs derivados de verbos de percepção visual no imperativo em francês, espanhol, português e italiano, na seqüência, passa-se à revisão bibliográfica dos aspectos semântico-pragmáticos das diferentes abordagens, posteriormente identificam-se as funções textuais e interacionais dos MDs e as convergências e divergências entre as línguas.

2. De verbo de percepção visual a MD nas línguas românicas

2.1. Aspectos morfossintáticos

No levantamento de trabalhos que pesquisaram três línguas, os MDs são provenientes de verbos de percepção¹ visual flexionados na 2ª pessoa do singular do imperativo: (i) *mira* e *¿ves?*, em espanhol (cf. PONS BORDERÍA; 1998; DOMINGUEZ; ALVAREZ, 2005); (ii) *regarde* e *vois-tu*, em francês, (cf. DOSTIE, 2004; VICENT; VOTRE; LAFOREST, 1993); e (iii) *olha* e *vê*, em português (SILVA; MACEDO, 1989; CASTILHO, 1989; MARCUSCHI, 1989; RISSO; SILVA; URBANO, 1996; URBANO, 1993, 1999; RISSO, 1999; ROST, 2002).

O MD *guarda*, embora também seja procedente de verbo de percepção no imperativo, apresenta flexão de 3ª pessoa do singular para uso como P2 (WALTEREIT, 2002).

Além de os MDs se fixarem em P2, verifica-se que **regarde, mira, olha e guarda** provêm da categoria dos verbos regulares de primeira conjugação, ao passo que **vê, ¿ves?** e **vois** incluem-se na dos irregulares de segunda e terceira conjugação respectivamente.

Como destaca Pusch (2008), mais opções morfológicas são permitidas no desenvolvimento dos MDs derivados de verbo. Todavia, o proveniente do francês *regarder* tem forma única, mas, a depender do contexto, pode ser intercambiável por *vois-tu* ou *tu vois*. Em espanhol, *mirar* tende a ocorrer nas formas *miral/mire/mirá* e *ver* como o interrogativo *¿ves?*. Na língua portuguesa, *olhar* é codificado como *olha* ~ *olhe* ~ [ɔya] ~ [ɔy] ~ [ɔ] e *ver* como *vê* ~ *vês* ~ *veja*. Por fim, em italiano, *guardare* é codificado, em P2, sob as formas *guarda, guardi* e, em P5, *guardate*.

Como se observa, há formas dos MDs em francês, espanhol e português que provêm da 2ª pessoa do presente do indicativo, com eliminação do sufixo *s*, como ocorria no latim, à exceção de **vês** que o mantém, tanto na língua portuguesa como na espanhola. Além disso, observam-se, nestas duas línguas, as formas derivadas da 3ª pessoa do presente do subjuntivo.

¹ Outros verbos de percepção tendem a recrutar MDs de modo similar aos derivados de percepção visual. São eles: *sentire, écouter, entendre, fijate, oye*, entre outros (cf. PONS BORDERÍA, 1998, WALTEREIT, 2002, DOSTIE, 2004).

Em italiano, as codificações do MD provêm da 2ª pessoa do singular do modo conjuntivo e da 2ª pessoa do plural do indicativo. Entretanto, nesta língua, *guarda* indica um comando diretivo, e *guardi* e *guardate* são formas mais polidas, menos diretivas, de dar um comando a alguém (WALTEREIT, 2002).

Conforme observaram Scherre *et al.* (2000), fatores de natureza estrutural (tipo de conjugação, paralelismo fônico e discursivo) se mostraram favorecedores ou não das variantes subjuntiva e indicativa. Todavia, Urbano (1999, p. 225) não identifica qualquer motivação no uso de **olhe/olha** a não ser um uso acidental e justifica que nem sempre é perceptível o reconhecimento auditivo de uma ou outra forma, mas mesmo assim observa que o emprego de *olha* é mais generalizado, ou seja, 2,5 vezes maior do que o de **olhe**. Essa é uma afirmação com a qual não concordamos. Acreditamos que todos os usos são motivados.

Waltereit (2002) destaca que o fato de o MD estar menos sujeito à flexão poderia ser tomado como um indício de seu desenvolvimento recente e, conseqüentemente, como um incentivo para um estudo sobre sua evolução contemporânea na língua falada.

Por outro lado, Pons Bordería (1998) mostra que as formas verbais perdem parcialmente certas características da categoria, mas a concordância se mantém na maioria dos casos. Apenas em quatro ocorrências de *mira* não houve concordância explícita, nos demais casos observou o autor possibilidade de codificação sintática do sujeito *tu, usted e vos*.

De modo semelhante, Dostie (2004) revela que se necessita obrigatoriamente de pronome sujeito proclítico ou enclítico com *voir*, o que não ocorre com o MD *regarde*. Em dados do VARSUL das três capitais da Região Sul, Rost (2002) verificou maior preenchimento do pronome sujeito *você* junto à forma **vê**, visto que ainda retém fortes indícios de sua natureza verbal, ao passo que o MD **olha** apresenta-se praticamente destituído desse traço.

Nas quatro línguas, os MDs não são elementos fixos na oração, embora Marcuschi (1989), Silva e Macedo (1996, p. 39) e Risso (1999, p. 262) destaquem a alta frequência (80% dos casos) dos iniciadores de tópicos e/ou de turnos e dos mediais. Estes últimos, porém, podem mobilizar diferentes instâncias de aberturas, como operações de exemplificação, de citações, de reintrodução de uma seqüência discursiva temporariamente suspensa, de movimentos argumentativos de ressalvas, concessões, entre outros aspectos.

2.2. Aspectos semântico-pragmáticos

Nas quatro línguas românicas, o significado literal do imperativo dos verbos de percepção ainda é altamente produtivo na atualidade. Porém, no percurso de mudança, elementos designativos de espaço [+concreto] passam a ser usados como organizadores do universo discursivo [-concreto] (cf. HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991). Nessa passagem, delimitada de forma discreta como domínios metafóricos distintos, há um *continuum* de pequenas mudanças que se dão metonimicamente, por contigüidade contextual, em que um uso motiva o outro.

É devido a esse *continuum* semântico-pragmático que, a seguir, passa-se a apresentar a revisão bibliográfica dos MDs nas quatro línguas românicas investigadas.

2.2.1. O MD francês *regarde*

Dostie (2004) observou o comportamento do MD *regarde*, do francês de Quebec, Canadá. A fonte desse MD é o verbo de percepção *regarder* que desenvolveu o sentido cognitivo de *considerar*, *analisar* e *ver*. A sinalização e/ou lembrança do sentido cognitivo durante a conversação, segundo a autora, é feita por meio do MD *regarde*.

Na atualidade, portanto, percebeu dois usos da forma *regarde*: como verbo, apresenta sentido dêitico em P2 e é empregado pelo falante para lançar um convite ao ouvinte para prestar a atenção em algo que possa ser alcançado com a visão. Como MD, desenvolveu seu auge de abstração naqueles contextos em que o falante convida o ouvinte para prestar atenção nos elementos explícitos e implícitos do texto (do falante).

Esse uso como MD abre espaço para diferentes valores, mais ou menos integrados à oração: (i) ilustração/exemplo; (ii) uso anafórico; (iii) uso catafórico; (iv) prefácio; (v) informação implícita por ambos. Considere o exemplo a seguir:

(8) **A:** C'est une bonne idée, ça. **B:** J'ai toujours pensé que j'avais bonnes idées. On ne me fait pas assez confiance, c'est tout! **Regarde...** C'est loin d'être bête ma suggestion.

Neste exemplo, *regarde* sinaliza uma informação implícita, que ambos, falante e ouvinte, compartilham.

2.2.2. Os espanhóis *mira/¿ves?*

Mira e suas variantes foram investigados na fala espanhola por Pons Bondería (1998)², ao passo que *¿ves?*, *mire* e *mirá*, empregados no espanhol falado em Mérida (Venezuela), foram descritos por Domínguez e Alvarez (2005)³.

Mira e *¿ves?* desempenham diferentes valores na conversação, partindo do uso literal do verbo de percepção até o emprego como conector textual.

Inicialmente, o falante emprega *mira* – forma verbal prototípica – para convidar o ouvinte para prestar atenção a um elemento da enunciação. Desse sentido de base, *mira* passa a apresentar valor fático de chamada da atenção do ouvinte para o enunciado proferido pelo falante.

Essa função fática primária desenvolveu uma espécie de função fática interna, que opera anafórica e cataforicamente, e chama a atenção do ouvinte para o contexto precedente ou avisa-o da importância do segmento seguinte. A função fática interna relaciona-se diretamente aos usos enfáticos ou de reforço do que é dito. A ênfase, por sua vez, pertence, conforme Pons Bordería, ao terreno da modalidade, considerada como a atitude do falante frente ao que é dito. Dessa forma, *mira* passaria a desenvolver diferentes valores conversacionais: (i) desacordo frente ao que é dito, quando aparece isoladamente; (ii) marca de resposta despreferida (que discorda com uma elocução anterior) nos contextos em que inicia um turno; (iii) em outras posições, pode indicar insegurança por parte do falante frente ao conteúdo da mensagem.

² O autor investigou o corpus Val.Es.Co, cujas gravações foram obtidas mediante método de observação participante e transcritas segundo método denominado “jeffersiano”, adaptado para o espanhol.

³ As autoras analisaram o *Corpus sociolingüístico de Mérida* (Venezuela).

Derivado desses usos, *mira* passa a ser empregado como conectivo, seja como um mecanismo de tomada de turno ou de mudança de tópico discursivo. Por fim, *mira* se converte em *ordenador discursivo*, a serviço da segmentação do texto tanto em nível macro como microestrutural.

¿*Ves?*, conforme Dominguez e Álvarez (2005), é orientador da atenção do ouvinte sobre um aspecto do texto e serve para verificar a compreensão do ouvinte acerca do argumento proferido pelo falante. Nesse sentido, o falante, geralmente quando expõe um tópico polêmico, necessita reforçar sua tese. Para isso, introduz este marcador seguido de explicação, exemplo, exposição, causa ou conseqüência.

2.2.3. Os MDs portugueses *olha/veja*

Urbano (1993, 1999), Risso, Silva e Urbano (1996), Risso (1999) e Rost (2002) observam que os itens **olha** e **vê** (e suas diferentes codificações) podem ser distribuídos, a depender do contexto, em dois níveis distintos: no primeiro, de caráter dêitico espacial, são verbos plenos, de percepção, visto que há um comando explícito do falante para o ouvinte direcionando o olhar/visão deste último (dêitico locativo), ou, num plano um pouco mais abstrato, expressando advertência; no segundo nível, são MDs que ampliam seu significado de base e, conforme Risso (1999, p.270), a referência à percepção visual aparece remanejada para a expressão de outra espécie de envolvimento sensorio-cognitivo, isto é, altera-se o ponto de referência do campo visual (situações objetivas) para o da ação mental (situações (inter)subjetivas). Ou seja, por meio de expansão metafórica, o foco de atenção deixa de apontar para o ambiente situacional, e o efeito manipulativo sobre o parceiro do diálogo diminui, em graus variáveis, e o ouvinte tem sua atenção direcionada para a informação a ser provida pelo falante. Assim, ao chamar a atenção do ouvinte, **olha** e **vê** mantêm traços de sentido original no que concerne à percepção e, adicionalmente, instauram um contexto que pode revelar diferentes intenções do falante.

Inicialmente, **olha** e **vê** atuam como item lexical pleno em atos de fala claramente diretivos. Em outros contextos, apesar de manter uma estrutura similar, associado ao locativo *aqui*, há um deslocamento do espaço físico para o espaço discursivo, e **olha aqui** poderia ser adequadamente substituído por *presta atenção*. Esse contexto parece ser um exemplo típico de transição de um uso verbal para um emprego como MD.

À esquerda do núcleo da UD, o falante usa o item **olha** como um meio de interagir e antecipar suas intenções com relação, por exemplo, a eventuais questionamentos do entrevistador. Além disso, há contextos em que o item já apresenta certa mobilidade posicional e co-ocorre com elementos lingüísticos de valor relacional, como **porque olhe**, e **olha**. Nesses contextos, o falante/redator parece encadear coesivamente o resultado de uma série de argumentos que estava apresentando, ao mesmo tempo em que solicita a atenção do ouvinte/leitor para a situação descrita. Portanto, **olha** e **vê** aparecem em posição relacional, contribuindo simultaneamente para a chamada de atenção do ouvinte e a seqüenciação do fluxo discursivo.

Devido ao caráter *continuum* dos itens, Rost (2002) organizou os diferentes valores, ora mais interacionais, ora mais textuais, numa certa ordem e resumizou nove

contextos de atuação dos MDs **olha** e **vê**: advertência, interjetivo, atenuador, planejamento verbal, prefaciador, retórico, exemplificativo, causal e concessivo.

2.2.4. O MD italiano *guarda*

Waltereit (2002) examinou o desenvolvimento de *guarda* na fala italiana e identificou seis contextos favorecedores desse MD nas três posições.

Guarda emerge naqueles contextos em que o falante revela certa dúvida quanto à declaração do ouvinte, bem como pode estar associado a um significado adversativo em posição inicial do turno, conforme se evidencia em (9):

- (9) Turn-initial DM after transition-relevance place (LIP, MB9)
B: ah hai visto ali poveretto e` morto cosi` l`avevano ammazzato
A: tu dici?
B: ma secondo me si`
A: madonna
B: <?> l'hanno ammazzato era ricchissimo qualcuno l'avra` fatto fuori
A: *guarda* che soffriva di cuore _ eh?

Na mesma posição, *guarda* pode evidenciar a intenção do falante em tomar o turno, interrompendo os demais envolvidos a fim de chamar-lhes a atenção. Para o autor, a emergência do MD *guarda* se deu primeiramente nesse contexto e posteriormente se espalhou para outros. Além desse valor, *guarda* é freqüente nos contextos em que introduz discurso reportado.

Na posição medial, o falante emprega este MD para introduzir um novo tópico. Já na posição final, pode revelar que o falante encontra-se numa situação embaraçosa da qual deseja sair o mais rapidamente. Por fim, há contextos em que *guarda* ocorrem sozinhos no enunciado veiculando certa surpresa por parte do falante.

3. MDs derivados de verbos de percepção visual: funções textuais e interacionais

Observa-se, nas quatro línguas românicas, um duplo deslocamento: desbotamento do conteúdo semântico com ganho pragmático-discursivo e mudança gradativa do estatuto categorial – de verbo a MD.

Como MDs, atuam, nas quatro línguas, em contextos em que prevalecem funções mais amplas, denominadas “basicamente orientadores da interação”. Derivadas dessa função mais ampla, desempenham duas macrofunções: uma basicamente interacional e outra basicamente textual. A primeira com maior ênfase nas atitudes do falante em relação ao texto que ele está produzindo tendo em vista o ouvinte, enquanto que a segunda mais voltada para a seqüenciação do texto, assinalando relações de caráter coesivo. Essa distribuição leva em consideração a abrangência dos graus de envolvimento dos parceiros durante a interação, sugeridos por Urbano (1999, p. 198). As macrofunções podem ser assim definidas:

- a) macrofunção articuladora predominantemente interacional: o componente basicamente “orientado para o ouvinte” caracteriza um maior grau de *intersubjetividade*, com uma sinalização clara da interação face a face e de um maior envolvimento dos parceiros conversacionais; e

b) macrofunção articuladora predominantemente relacional/textual: o componente basicamente “orientado para o falante/texto” caracteriza um maior grau de *subjetividade*, com atuação em contextos que relacionam operações como argumentação, causalidade, exemplificação, entre outras, ajudando a organizar a atitude do falante diante do próprio texto (adaptado de GÖRSKI, 2006).

Efetuamos essa discretização binária, mas admitimos que, no efetivo funcionamento dos itens nas quatro línguas românicas, seja um tanto arbitrário considerar essas macrofunções separadamente, uma vez que (i) “os fatores interacionais são inerentes à expressão lingüística, devido à introjeção natural da atividade discursiva no produto verbal de um ato comunicativo (JUBRAN, 2006, p. 29); e que (ii) esses contextos/macrofunções são distribuídos num *continuum* com sobreposições e situações de ambigüidade (veja-se diferentes os valores nas quatro línguas), cuja distinção decorre da identificação das características mais salientes, já que os limites são fluidos, graças à instabilidade das configurações discursivas.

4. Considerações finais

Neste artigo, objetivou-se fazer uma revisão bibliográfica dos MDs derivados de imperativo em P2 em quatro línguas românicas para explicitar similaridades e diferenças morfossintáticas e semântico-pragmáticas entre as abordagens.

Evidenciou-se, inicialmente, como núcleo piloto definidor dos MDs investigados, um desbotamento do conteúdo semântico com ganho pragmático-discursivo.

Quanto aos aspectos morfossintáticos, observou-se que verbos de percepção visual no imperativo em P2 tendem a ser fonte de MDs. Para Pusch, a emergência dos MDs derivados de imperativo deve-se ao fato de tratar-se de uma forma verbal morfológicamente subdeterminada e frequentemente curta. Caracteriza-se, portanto, entre outras coisas, por uma grande liberdade de posicionamento e fraca integração sintática em seu contexto de uso. Acresce-se a isso, especificamente no caso dos MDs em estudo, que as posições parecem condicionar determinados valores na conversação.

Na língua francesa, para P2, identificou-se forma única para o MD, diferentemente das demais línguas investigadas. Também para o francês, mas incluem-se o espanhol e o português, algumas formas provêm do presente do indicativo; outras, porém, do subjuntivo. Diferentemente do que ocorre em italiano, pois a forma *guarda* deriva da 3ª pessoa do singular do indicativo. Como se viu, esse aspecto na língua italiana influi diretamente no valor semântico do MD.

No que se refere aos MDs *voir, ¿ves? e vê*, verifica-se que ainda retêm fortes indícios de sua natureza verbal, pois tendem a exigir mais preenchimento do pronome sujeito no uso como MD, principalmente na língua francesa.

Dentre os aspectos semântico-pragmáticos, destaca-se que, em três línguas – francês, espanhol e português – os MDs provêm do verbo latino *vidēre*. Nesta língua, já se evidenciava um significado mais abstrato para este verbo, mantido também na passagem para as línguas românicas. As demais formas dos MDs também desenvolveram, a depender do contexto, esse significado cognitivo de *observar com a*

mente, *prestar a atenção*, que, conforme Dostie (2004), teriam derivado o uso como MD.

Por fim, as quatro línguas românicas mantêm o significado literal do imperativo dos verbos de percepção. No entanto, no percurso de mudança, de verbo a MD, elementos designativos de espaço [+concreto] passam a ser usados como organizadores do universo discursivo [-concreto]. Observou-se, no levantamento de trabalhos que pesquisaram as quatro línguas românicas, que há um *continuum* de pequenas mudanças semântico-pragmáticas que podem derivar duas macrofunções: uma basicamente interacional e outra basicamente textual. A primeira com maior ênfase nas atitudes do falante em relação ao texto que ele está produzindo tendo em vista o ouvinte, enquanto que a segunda mais voltada para a seqüenciação do texto, assinalando relações de caráter coesivo.

5. Referências

CASTILHO, A. T. de. (Org.). **Português culto falado no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.

DOMÍNGUEZ, Carmen Luisa; ÁLVAREZ, Alexandra. Marcadores en interacción: un estudio de marcadores en el español hablado en Mérida (Venezuela). **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, v. 3, n. 4, março de 2005. Disponível em: < http://www.revel.inf.br/site2007/_pdf/4/artigos/revel_4_marcadores_en_interaccion.pdf >. Acesso em: 15 set. 2008.

DOSTIE, G. **Pragmaticalisation et marqueurs discursifs**: analyse sémantique et traitement lexicographique. Bruxelles: De Boeck-Duculot, 2004.

GÖRSKI, Edair M.; ROST, Cláudia A.; DAL MAGO, Diane. Aspectos Pragmáticos da mudança via gramaticalização. *In*: CRHISTIANO, M. E. A.; SILVA, C. R.; DA HORA, D. **Funcionalismo e Gramaticalização**: teoria, análise, ensino. João Pessoa: Idéia, 2004.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. From cognition to grammar – evidences from African languages. *In*: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (eds.). **Approaches to grammaticalization**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, v. 2, 1991.

JUBRAN, C. C. A. S. A perspectiva textual-interativa. *In*: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs.). **Gramática do português culto falado no Brasil** – construção do texto falado. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006, p. 27-38, Vol. 1, Introdução.

MARCUSCHI, L. Marcadores conversacionais do português brasileiro: formas, funções e definições. *In*: CASTILHO, A. (Org.). **Português culto falado no Brasil**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1989.

PONS BORDERÍA, Salvador. **Conexión y conectores**. Estudio de su relación en el registro informal de la lengua. Valencia: Universitat de València, 1998a.

_____. Oye y mira o los límites de la conexión. *In: Los marcadores del discurso. Teoría y análisis*, Maria Antonia Martin Zorraquino et al. (eds.), 213–228. Madrid: Arco Libros, 1998b.

PUSCH, Claus D. **Marqueurs discursifs et subordination syntaxique: La construction inférentielle en français et dans d'autres langues romanes**. Fribourg-en-Brigau. Disponível em: < http://www.romanistik.uni-freiburg.de/pusch/Download/construction_inferentielle.pdf>. Acesso em: 15 set. 2008.

RISSO, M. S.; SILVA, G. M. O.; URBANO, H. Marcadores discursivos: traços definidores. *In: KOCH, I. G. V. (Org.). Gramática do português falado*. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, v. IV, 1996.

_____. Aspectos textuais-interativos dos marcadores discursivos de abertura Bom, Bem, Olha, Ah, no português culto falado. *In: NEVES, Maria Helena de M. (Org.). Gramática do português falado*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, v. VII, 1999.

ROST, Cláudia A. **Olha e veja: multifuncionalidade e variação**. 2002. 158 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

SILVA, G. M. O.; MACEDO, A. T. de. Análise sociolingüística de alguns marcadores conversacionais. *In: MACEDO, A.T.; RONCARATI, C.; MOLLICA, M.C. (Orgs.). Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p. 11-50.

URBANO, H. **Marcadores conversacionais**. *In: PRETI, D. (Org.). Análise de textos orais*. São Paulo: FFLCHUSP, 1993, p.81-101.

_____. Aspectos basicamente interacionais dos marcadores discursivos. *In: NEVES, Maria Helena de M. (Org.). Gramática do português falado*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, v. VII, 1999.

VINCENT, D.; VOTRE, S.; LAFOREST, M. **Grammaticalisation et post grammaticalisation Langues et Linguistique**. Quebec: Université Laval, 1993.

WALTEREIT, R. **Imperatives, interruption in conversation, and the rise of discourse markers: a study of Italian guarda**, *Linguistics* 40, p. 987-1010, 2002.